

# Metade conhecido e metade não

---

Letícia Zamperetti Copetti

## Parte I: A Metade Desconhecida

Se Mirian conhecesse os livros sagrados de thelema, ela teria chegado na fórmula de Lashtal, ela descobriria sobre a prata que dá qualidade ao astro. Entretanto perderia tudo, pois a sensação vem antes das palavras e imagens.

E era só isso que tinha diante da figura encapuzada estática na tela do computador. Ela tinha certeza que conhecia, sabia quem era e porque estava ali, a potência de todas as coisas. E perguntava-se o porquê daquele gesto, como se pedindo silêncio.

E era exatamente pelo eco dessa potência, pela ausência de todas as coisas, que ela era capaz de entender tudo que precisasse, aqui e agora, para sempre.

Lucíola, sempre a Lucíola, pequena luz do mundo, cheiro de mil jardins. Nas aulas de jiu-jitsu ela sempre vencia, pelo cheiro. Suor concentrado. Grrrr shhhhh, dentes cerrados saltavam faíscas, dava um arpejo bem no meio do corpo e subia faiscando e aaaahhh

O problema era depois, o lençol com cheiro concentrado só de Mirian mesmo. O cheiro azedo na cozinha de comida que não satisfaz, heranças de beijos vazios, um vácuo que consome a si mesmo depois do impulso que fica só na potência.

Então vem os sonhos e os dias ensolarados sempre terminam numa floresta que fecha o caminho de volta, então vem os uivos e o que a princípio é somente um torvelinho que como se atizado pela percepção de sua presença é a voz e o enxame. Então vem a cadência, as pausas como se preparando o próximo som sem imagem, somente a sensação de algo muito antigo e o enxame incendeia.

As paredes se acomodam enquanto ela recobra a consciência, consegue ver a ausência de um rosto que desvanece quando olhado. É Mirian, mas não olha. É a pequena luz do mundo e brilha por si só, como nos sonhos em que do absoluto da escuridão emergem luminescências, abrigando-se no coração da própria escuridão.

Desta vez, aquilo que se movia sem tréguas. Por dentro, sem nome e, entretanto, tão presente, teve ao menos um gesto para que pudesse ser expresso.

Talvez tenha sido a natureza. Era um daqueles fim de tarde em que a atmosfera se carrega de eletricidade sem ao menos representar a mínima ameaça. As nuvens, negras como o absoluto da escuridão em seus sonhos, moviam-se em torvelinhos que acariciavam a terra e essa respondia num suspiro, nas folhas caídas que giravam e giravam, no pátio do pequeno condomínio de apartamentos

Começou como uma brincadeira. Era engraçado, fazia cócegas. Elas queriam mais, repetiam os gestos para ter novamente a sensação, e elas diriam, se perguntadas, que era como se a eletricidade lambesse suas peles, ao se aproximarem. Havia uma consciência, não sabiam do quê, um *mysterium tremendum*.

Regis vestiu sua túnica negra, um triângulo vermelho no peito, o coração de sangue. Cobrindo o rosto completamente, abertura somente para os olhos. Bem no

centro da testa do capuz, bem entre os olhos, estava bordado o olho sem pálpebra com 56 cílios.

Invocou os quatro arcanjos nos quatro pilares do universo, e ele no centro, Lúcifer.

Sobre a arca da aliança há dois querubins. Pedro é rocha e a rocha é excelente condutora de vibrações, se alguém caminha sobre uma rocha, a vibração se espalha pelo solo. Portanto, a arca só pode ser dupla e os querubins, quatro. Por isso os altares católicos são feitos de rocha cúbica, um cubo duplo... Estas foram suas reflexões enquanto executava o ritual do pentagrama menor.

A brisa era deliciosa, a terra já antecipava o gozo que viria com a chuva, o cheiro de terra, de cavernas milenares, que jamais roubavam a luz das tochas, acariciavam e beijavam o fogo, fomentando-o até que esse morria no próprio desvanecer do êxtase.

Em comunhão com o fim de tarde, acomodou-se na posição do dragão. Sentado sobre os calcanhares, dedos dos pés dobrados para frente. Doía muito e a intenção era essa mesma. Só precisava de alguns minutos, logo a dor seria tão intensa que não lhe restaria senão desaparecer. Sobre a cabeça um copo com água cheio até a borda, nem uma gota sequer foi derramada ao final dos 30 minutos de meditação. Concentrava-se em um ponto na parede, olhar de basilisco. No outro lado da parede estavam Mirian e Lucíola.

Havia uma voz no vento e dessa vez não era como as demais vozes. Esta agora esforçava-se para ser entendida. Chegava a falar mais devagar enfatizando cada palavra. Mas ainda era um absoluto de voz. Não havia relação, ainda não.

Deitou-se na cama porque era gostoso deitar, combinava com a voz, com a eletricidade. Na posição em que estava, olhava diretamente para o quadro que Regis lhe deu, ele mesmo o havia produzido. A Mais Querida era o título esotérico e o esotérico era Lashtal, escrito com raios que fustigavam um negro mar revolto. Sobre esse mar, uma figura branca como leite, corpo ondulado como de uma serpente, mas sem nenhuma escama ou algo parecido. Era apenas ondulado e branco, muito branco. Dos olhos eram vistos somente a esclera. Enquanto olhos desse tipo costumavam fitar o vazio, estes olhavam diretamente para a mulher sobre a criatura. Ela, um manto vermelho preenchendo o vazio e no lugar da cabeça, um sol.

A Mais Querida. “Que lindo” foram as palavras de Miriam quando viu o quadro na casa de Regis. “Pega para você! Eu pinte numa noite em que as práticas eram muito intensas, eu precisava de um símbolo, qualquer coisa, alguma passagem para as imagens dentro da minha cabeça. Se permanecer comigo não vai nunca haver uma relação, entende?”

“Quando você transa e consegue se desligar de estereótipos e se concentra no que sente sem prestar atenção no que vê, como Psique transando com Eros, saca, seu orgasmo vai ser com o corpo inteiro e aí sua mente vai se expandir até o infinito e como não é possível viajar até o infinito, ela vai parar e nesse momento a pessoa que está com você será como A Mais Querida, ou querido, que seja. Será seu Sagrado Anjo Guardião, que não é nada mais que você mesmo. E nesse momento você será capaz de saber todas as coisas que precisar, apenas sabendo, sem palavras, sem nada e qualquer tentativa de definição será estéril, pois você estará antes das palavras e dos sons”. Desta vez Regis é Frater Sol da Meia Noite, tendo aulas de taro com seu instrutor da Fraternidade dos Filhos de Leda, da Prata que Qualifica o Astro. Astrum Argentum, poeticamente e intencionalmente intraduzível. A aula era sobre a Sacerdotisa, aquela que tem suas mãos e pés apoiados nas colunas da presença e da ausência.

Mas isso um pouco depois da meditação. Enquanto Regis meditava, Miriam olhava inebriada para o quadro e se não houvesse a parede em que estava colocado, o ponto sobre o qual Regis se concentrava, teriam sido os olhos de Miriam e como mediador, os olhos esclerosados da criatura.

A pequena luz do mundo lentamente, vagamente aproximou-se do ventre da vidente.

Como uma aranha antes protege, sem devorar o ser desejado, teias, gosma, dentes afiados tecem o âmbar brilhante.

Como uma orquestra de horror sublime, a tempestade se impõe no céu, e a cada espasmo, um ronronar de trovões. O Abaton, local sagrado dos antigos e por isso mesmo esquecido dos imemoriais templos gregos, era marcado após a queda de um raio. A antiga canção enfim, começava a ser lembrada.

A eletricidade que antes somente causava cócegas, agora as envolvia. Não havia muita diferença entre os corpos entrelaçados de Mirian e Lucíola, e as nuvens rolando lá fora.

E o trovão reverberava nos seus ventres, entres os seios uma da outra poderiam jurar que havia uma chama, a pura chama sem óleo, o fogo puro, sem fumaça.

A voz no vento continuava e somava com os trovões, que embora não fossem como as vozes na cabeça de Mirian, soavam como um convite ao estabelecimento do Abaton, um convite ao falcão solar, que após ter conhecido o mais horrendo e o mais sublime, que se apoiasse sobre eles, e unisse o céu e a terra.

O zunido ensurdecedor dos insetos recomeçou. A criatura inseto, que antes nada falava e era somente um tornado feito de infinitos insetos. Costumava aparecer sempre nessas horas, sempre que aquilo que se movia por dentro de Miriam iniciava seu movimento para fora. Havia sido sempre ensurdecedor e pelo menos até então nunca a tocara nem ao menos havia tentado toca-la. Talvez porque Mirian antes do dia de hoje sempre havia obedecido ao interdito.

No momento em que não era nem dia nem noite, o turbilhão nauseabundo não conseguiu se estabelecer para que pudesse encerrar a antiga canção do trovão. Como uma aranha, Lucíola estava totalmente sobre ela. Então a criatura inseto abriu a boca, que até então não existia e abriu também olhos muito brilhantes que haviam sido ausentes. A boca era puro vazio, por onde entrava a voz que saía da própria criatura.

A voz lembrava uma fita cassete reproduzida por rolamentos empenados. Cada palavra era dita muito devagar, morrendo no vácuo, desaparecendo lentamente como se sugada pelo vazio. E a cada palavra, uma pausa, marcada por um som que algo fosse até o fundo da garganta da criatura e retornasse vivificado e essencialmente diferente.

Lashtal...Tudo...Serpente...Homem...Terra...Nada.... Isso foi o mais nítido que Mirian conseguiu entender da voz que, pela primeira vez, soara de modo que pudesse ser minimamente compreendida, com alguma inteligibilidade. E sem saber porque nem como, lembrou-se da figura encapuzada como que a pedir silêncio, que aparecera em um site de busca sobre Aleister Crowley. Imaginou-se como a figura porque achou-a muito, muito bonita e achou também que combinava com aquela sensação de potência de todas as coisas que ela sempre buscou e que até então fora interrompida pela criatura inseto.

Então, a criatura escancarou a bocarra e debruçou-se sobre Miriam. Lucíola, nada percebia objetivamente, mas seus olhos, mãos e beijos a colocavam em sintonia com aquela que tem os pés e mãos apoiados nas colunas da ausência e da presença...

A criatura inseto avançou, avançou e engoliu. Miriam estava agora coberta de insetos e o êxtase veio do nojo mesmo, a princípio.

Nesse momento, Regis colocou-se na posição do enforcado meditando sobre uma das etapas de seu exame para o próximo grau da Fraternidade: atravessar uma parede.

Então houve o som, como no prenúncio da tempestade, a cúpula das estrelas tocando as formas que ainda não haviam sido nomeadas, aquele rasgo no céu, desconhecido, formando um sinal, ainda sem som e por isso mesmo Miriam invocou. Invocou por aqueles olhos que eram como o olhar dentro da fúria da tempestade, um som mais fraco, desses que parecem vir de muito longe e que crescem na medida em que vem o toque, e só de tocar-lhe nas ancas, Mirian já se abria, a vagina se abria para receber Lucíola. A língua nomeando todas as coisas...

#### Parte II: A Metade Conhecida

“Algumas coisas jamais devem ser ditas porque jamais podem ser ditas, não admitem formulação”. Regis repetia e repetia, saboreando, essas palavras de James Hillman. Então só resta a poesia, concluiu enfaticamente. Olho fixo na Mais Querida, olho no olho, olho do furacão. Desliza sobre um mar que é como um céu invertido, como o céu das noites sem lua e coberto de nuvens, iluminado como que por si mesmo. Dos raios que fustigavam o céu, abriam-se fissuras que correspondiam umas às outras, nos confins, as sentinelas do segredo da lua, um diante um do outro sem reconhecerem o próprio rosto nem própria voz e se algo puder triunfar sobre eles, será a poesia.

“Eu preciso...alcançar a outra borda da fissura...” era o melhor pensamento que Regis conseguia formular, se é que ele realmente pensou alguma coisa, pois naquele cômodo, de tamanha eloquência era a invocação da saudade de outros tempos, que só lhe restou fechar os olhos e permitir, seja o que estivesse por vir.

Tesão. Tesão é o que sentiam uma pela outra, mas em vez de dizer “quero transar contigo, te desejo”, preferiram fazer gozar uma à outra, por cada poro, por cada chakra, um por um de cada vez, devagarinho e depois, todos ao mesmo tempo. Para que dizer, naquele momento, qualquer palavra, se podiam chamar uma à outra sentindo o perfume que exala do prazer? Davam-se a conhecer nas carícias, os dedos penteando os pelos e os cabelos, dar de beber do próprio hálito enquanto se nutrem do frêmito do desejo para que a canção do orgasmo possa soar até o infinito.

Terminado o ato final, abraçaram uma a outra e protegendo-se nos sonhos, sonharam, cada uma ao seu modo, com uma mulher contra a luz, em algum pôr do sol, em algum final de tarde de céu límpido. Só lhe viam a sombra, uma silhueta enegrecida cujo plano de fundo era um de vermelho fulgurante. A pequena luz do mundo agora era grande, era tremendum, assim como o mistério de todos entardeceres, que antecede a véspera, a noite antes do amanhecer. Pelos olhos de Mirian, a luz era transportada naquele vaso mesmo, tão negro quanto o brilho sol, no interior de um continente muito antigo, tão antigo como as narrações de um certo Trismegistos, cujo nome o significado não importa, só importa aquilo que suscita, o que vem a significar é o que importa.

Exausto após horas fixo na mesma posição, Regis mergulha na cama, enfia-se entre as cobertas e mal tem tempo de recostar a cabeça no travesseiro. Parecia uma música que contava uma história muito antiga, uma antiga canção que algum menestrel moderno havia redescoberto. Pálpebras pesadas, sentia-se flutuar, estava pesado com chumbo e no entanto, flutuava como uma pena. A luz penetrando pelas frestas da janela, o quarto cada vez mais claro.... Não, não estava...era um sonho e a ele a música também pertencia. Tanta saudade que a misteriosa luz âmbar suscitava, tão bela e tão triste e por isso tão forte, tão assustadora e por isso mesmo tão bela. E havia a música, emanava do próprio lugar, a voz daquele instante. Soava como se tocada por um imenso órgão manejado por mãos muito hábeis. Regis flutuava mais uma vez, foi até uma avenida no

centro da cidade, ele não sabia onde era, embora lembrasse onde estava e a memória era da mesma qualidade da saudade, imponderável. Nessa avenida, por alguma ação ignorada, um poste estava um pouco inclinado e as placas de trânsito nele, apontavam alguma direção insólita, uma seta apontava para o céu, uma indicação de retorno pressupunha que se penetrasse na terra. Havia um jovem ali parado, vestido com os ornamentos da sua estirpe, que ao que indicavam as pinturas no rosto, pertencia a linhagem da vaca prenhe do céu e que segundo antigas cantigas, dava à luz na lua nova. O céu estava límpido nessa noite em que as luzes se moviam, e nas bordas do horizonte Regis via a lua nova, dando à luz, possivelmente, dado o fulgor daquela luminosidade no centro, como que por baixo, saída das entranhas. Era uma luz grave, que lhe penetrava nos poros como se desejando que ele lhe desse continente. E assim se tornou o que transporta a luz, de um negrume indizível, pois daquela luz nada deveria ser dispersado. Acordou de súbito, uma sensação de certeza, que precisava ser narrada para não cingir o vaso, aquele mesmo do sonho.

“Foi por causa do som da tua voz, meu amor! De repente eu não tive mais medo!” Mirian olhava bem no fundo dos olhos de Lucíola, e desta vez conseguia alcançá-la, ela foi até o fim e a estrada não se fechava por trás. Poderia ir e vir sempre que quisesse. Os sacerdotes do segredo da lua finalmente olhavam no fundo dos próprios olhos.

Lucíola a beijou no meio da testa, bem onde começam os cabelos. Beijou longamente, saboreando o cheiro de Miriam, passou as mãos pelas costas e a ergueu da cama enquanto enfiava a mão nas carnes de Miriam. Entrelaçadas, trocaram lembranças do sonho e souberam que a mulher de costas para o pôr do sol de modo que os últimos raios lhe caíssem pelo corpo dando a impressão de chamas, tinha cabelos flamejantes de um fogo que não queimava, mas iluminava. Haviam olhado para o semblante tentando reconhecer alguma forma e sabiam que aquela mulher havia olhado no fundo dos próprios olhos.

Regis pintou mais dois dos seus quadros. Um deles, duas mulheres nuas abraçadas e seus corpos alinhados de modo a lembrar uma cruz ansata, um antigo símbolo de vida. No outro quadro, essas mesmas mulheres estavam dentro de uma fenda, uma cisão nas bordas do mundo e seus corpos participavam da borda. No beijo, as margens se encontravam e elas não mais precisavam temer as criaturas famélicas insinuantes da fenda, eram agora inofensivas, um observador mais atento perceberia que as criaturas estavam sendo transformadas e algumas eram absorvidas pelos corpos das amantes. Pintava, e assim as imagens da mente passavam a ter alguma relação e o vaso que continha toda luz do mundo não seria cingido.

Miriam ouvia e antiga canção já não pertencia a um passado imponderável, era aqui e agora, para sempre. E a figura pedia silêncio, pois o que quer que as vozes dissessem, não poderiam ter sido ditas, pois se foi dita, veio de fora e pra fora. O que quer que fosse aquele som sem voz, era agora sua pequena luz do mundo.

*Letícia Zamperetti Copetti  
leticiacopetti93@gmail.com  
Universidade Federal de Santa Catarina*